

A CONSTITUIÇÃO DOS FRAMES COBRA GRANDE E BOTO NAS NARRATIVAS ORAIS AMAZÔNICAS SOB O ENFOQUE DA LINGUÍSTICA COGNITIVA

Maria do Carmo Ribeiro Casseb

*Orientadora: Prof. Dra. Vanda Maria Cardozo de
Menezes*

Mestranda

RESUMO: A partir dos estudos sobre cognição, linguagem e cultura desenvolvidos no âmbito da Linguística Cognitiva (LC), buscamos a compreensão das motivações cognitivas e culturais que favorecem tanto a convencionalidade quanto a especificidade dos frames COBRA e BOTO que subjazem nas narrativas orais amazônicas analisadas nesta pesquisa. Esclarecemos que este trabalho fundamenta-se no arcabouço teórico da Linguística Cognitiva (LC), especificamente da Semântica de *frames* (FILLMORE, 1977; 1982; 1985), (TANNEN, 1993). Em síntese, buscaremos mostrar que as narrativas orais amazônicas são parte inerente da cultura do povo amazônico e que os pressupostos cognitivistas acerca do fenômeno do significado nos ajudam a compreender como se dá a compreensão e a apreensão do conhecimento acerca dos *frames* COBRA e BOTO, objetos de análise deste estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Cognitiva; Semântica de *Frames*; Narrativas Oraais Amazônicas.

Introdução

Do ponto de vista cognitivo e cultural, as narrativas constituem uma atividade discursiva que vai bem além do ato de contar histórias, reais ou fictícias, situadas num dado espaço e tempo. O ato de narrar deve ser examinado como diretamente ligado aos processos cognitivos de transmissão de conhecimento e construção de significado, como observam Lakoff & Narayanan (2010):

As narrativas estruturam nossa compreensão do mundo e de nós mesmos. Elas exploram o compartilhamento de estruturas cognitivas das motivações humanas, objetivos, ações, eventos e resultados. Estrutturamos nossas vidas

por meio de narrativas e compreendemos os acontecimentos no mundo em termos de narrativas – eventos de todos os tipos, na ciência, na política, em todas as facetas da vida. (LAKOFF & NARAYANAN, 2010, p. 21)

As narrativas amazônicas, assim, são exemplo da extraordinária habilidade humana para operar mentalmente com o irreal e essa habilidade, segundo Fauconnier & Turner (2002), depende de nossa capacidade para uma integração conceptual avançada.

Os seres humanos podem percorrer vários cenários, verificar mentalmente os resultados e fazer escolhas, tudo isso em um curto espaço de tempo. Conceber novos cenários de forma complexa enquanto faz novas e complicadas inferências nas escolhas é agora algo que pode ser compreendido como parte da vida mental e cultural do homem. As capacidades cognitivas dos seres humanos não só permitem aos indivíduos um poder muito maior de concepção e escolha, mas também permitem que as culturas transmitam escolhas que foram feitas e testadas por comunidades inteiras. (FAUCCONNIER & TURNER, 2002, p. 217)

Temos nas narrativas orais amazônicas a presença de diferentes personagens característicos do meio cultural do povo ribeirinho, entretanto, para esta pesquisa, voltaremos nossa análise e estudos para estas duas entidades do imaginário amazônico: A COBRA GRANDE e o BOTO..

A escolha da Semântica de *frames* e dos estudos sobre referenciação para desenvolvimento de nosso trabalho se justifica no fato de que buscamos depreender a representação conceptual de elementos que se manifestam por palavras em textos, no caso as narrativas orais amazônicas.

Contribuições da Linguística Cognitiva (LC) para o estudo das Narrativas Oraais Amazônicas

Nos anos finais da década de 1970 e início dos anos de 1980 surge um paradigma nos estudos linguísticos denominado Linguística Cognitiva (LC), que teve como grandes nomes Ronald Langacker, George Lakoff, Charles Fillmore, Leonard Talmy, Gilles Fauconnier, dentre outros. Tais estudiosos concordavam com os pressupostos de Noam Chomsky de que “a linguagem é espelho da mente” (Chomsky, 1975). Entretanto, esses autores concebiam a LC como uma abordagem teórica de base conceptual e experiencial que via a linguagem como “uma atividade cognitiva que ajuda no processo de reflexão sobre a organização conceptual e influências ambientais e experienciais” (RUA, 2017, p. 24). Acerca dessa questão, Silva (2006) observa que

A Linguística Cognitiva assume que a linguagem é parte integrante da cognição (e não um “módulo” separado), se fundamenta em processos cognitivos, sócio-interacionais e culturais e deve ser estudada no seu uso (orientação baseada no uso) e no contexto da conceptualização, da categorização, do processamento mental, da interação e da experiência individual, social e cultural. (SILVA, 2006, p. 190)

Note-se que o caráter social e cultural é citado como requisito à compreensão do funcionamento da linguagem e, assim sendo, a LC, diferente de algumas outras correntes teóricas, necessariamente reúne diversas abordagens. Na LC, não identificamos somente uma teoria da linguagem, mas um conjunto de teorias que compartilham hipóteses centrais a respeito da linguagem humana e, ao mesmo tempo, detalham aspectos particulares relacionados aos desdobramentos dessas hipóteses (FERRARI, 2014, p. 14).

Para esta pesquisa, embasamo-nos nos estudos sobre a Semântica de *Frames*, uma das ilhas que constituem o vasto “arquipélago” da Linguística Cognitiva. O conceito de *frame* foi introduzido por Fillmore (1977, 1982, 1985) para se referir a uma estrutura conceptual que se depreende no uso da linguagem, havendo uma relação entre sintaxe e semântica, a qual leva em conta elementos situacionais e culturais para a compreensão cognitiva de um evento.

Com o termo *frame*, tenho em mente qualquer sistema de conceitos relacionados de tal modo que, para entender qualquer um deles, é preciso entender toda a estrutura na qual se enquadram; quando um dos elementos dessa estrutura é introduzido em um texto, ou em uma conversa, todos os outros elementos serão disponibilizados automaticamente. (FILLMORE, 1982, p. 25)

Para esta pesquisa, nos ancoramos na noção de *frame* proposta por Fillmore (1982) na compreensão dos elementos COBRA e BOTO nas narrativas orais da Amazônia paraense, considerando que esses elementos se configuram não apenas como personagens dos textos, mas também como frames.

Procedimentos metodológicos

O corpus utilizado neste trabalho é constituído por narrativas amazônicas extraídas das edições *Santarém conta (1995)*, *Belém conta (1995)* e *Abaetetuba conta (1995)*, todas

pertencentes à série de obras intitulada *Pará conta* (1995) que fazem parte do acervo do Projeto Imaginário nas Formas Narrativas Orais da Amazônia (IFNOPAP), da Universidade Federal do Pará, sob a coordenação da Professora Dra. Maria do Socorro Simões.

Com o intuito de não ultrapassarmos os limites pré-estabelecidos para a realização deste trabalho, utilizamos como critério de seleção o recorte das narrativas que continham os elementos COBRA e BOTO em sua composição. Ao final desse recorte, selecionamos um total de 43 narrativas, das quais 20 continham o elemento COBRA e 23 o elemento BOTO. Para este artigo, optamos por não ilustrar as narrativas na íntegra, em razão dos limites extensionais do texto.

Análise dos *frames* BOTO e COBRA GRANDE a partir da Semântica de *Frames*

O Boto, mamífero cetáceo que faz parte da fauna amazônica, pode ser encontrado nos diversos rios da região amazônica. No falar amazônico, destacam-se o boto preto e o vermelho. O boto preto é tido como o que protege, o boto vermelho é o “D. Juan das águas”, sedutor de moças donzelas e mulheres casadas. (PAES LOUREIRO, 1995, p. 209). Nas narrativas orais amazônicas, esse animal adquire uma conotação que vai além do seu papel enquanto elemento da fauna local, o boto é conceptualizado como personagem “encantado”. Sendo seres encantados, podem se transformar, em um momento de epifania humana, em belos rapazes vestidos de branco e grandes sedutores.

(- E curupira? A senhora nunca ouviu falar? [] Histórias que a senhora sabe sobre o curupira, boto?)

- Ah! O boto também, ouvi falar muito. Era urna festa no interior [] Isso era minha mãe que contava, né? Eu era muito pequenininha; não via. Mas a minha mãe contava que houve uma festa grande no interior. Então, diz que era de madrugada, aparecia um rapaz bonito, bonito, bonito. Era um rapaz lindo, né? Branco, louro, olhos azuis. Quer dizer que ali ninguém conhecia. Ela apareceu na festa... Aí, mais tarde, ele. A moça começou a namorar com ele, né, e ele com a moça. Aí, foi a maior alegria. Quando [], quando deu quatro e meia para as cinco... Aí, eles tinham se combinado. Os rapazes de lá do interior, se combinaram pra pegar aquele rapaz que não sabiam de onde era. Iam pegar pra dá-lhe urna surra nele. Quando foi uma quatro e meia pra cinco...Aí, ele disse que ia embora e vinha noutro sábado, quando tivesse uma festa. A moça ficou apaixonada por ele. Aí, ele saiu. Ela ficou olhando... Ele não foi pra outro canto. Seguiu, seguiu no rumo do trapiche. Então, ele tinha na mão urna bengala e o chapéu na cabeça. Quando chegou bem na ponta da ponte... Aí, ele deixou na ponte a bengala e o chapéu. Aí, se jogou n'água e soprou lá na frente. Aí, sabiam que ele era boto. (SIMÕES & GOLDBERGER, p. 118)

Apesar de encontrarmos algumas variações nas narrativas de BOTO, trabalhamos com a hipótese de que há uma estrutura sociocognitiva que possui certo grau de estabilidade e de convencionalidade, e que, nessa estrutura, é possível observar os seguintes elementos que, a nosso ver, constituem a estrutura do *frame* BOTO:

- O HOMEM DESCONHECIDO
- A BELEZA FÍSICA
- A INDUMENTÁRIA
- A PAIXÃO
- O ENCANTAMENTO
- A METAMORFOSE
- OS RIOS

Assim, sugerimos o seguinte esquema para ilustrar como se dá a construção de significados do BOTO nas narrativas, tomando como base as ideias de Fillmore (1982), nas quais o autor cita que “ao empregar a palavra *frame* para indicar a maneira estruturada por meio da qual a cena é apresentada ou lembrada, podemos dizer que o *frame* estrutura os significados das palavras, e que a palavra evoca o *frame*”. Baseamos nossa proposta tanto nos pressupostos de Fillmore (1982) quanto no esquema proposto por Ferrari (2014):

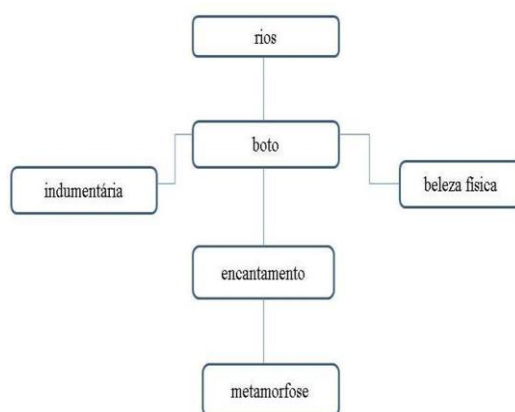


Figura 01: relação entre participantes do frame BOTO

A partir desse esquema, nos debruçamos a esmiuçar as relações existentes entre os participantes que compõem o frame BOTO. Os rios são parte fundamental nessa relação, pois é nele que se dá inicialmente a aparição do BOTO e é para o rio que aquele ser retorna após seu surgimento. A beleza física do boto possui as mesmas características, em grande parte dos

dados coletados: trata-se de um homem jovem, branco, de cabelos loiros e olhos azuis, traços que destoam da fisionomia típica do caboclo amazônico.

A indumentária também possui traços muito particulares como as roupas brancas, cinto de fivela e sapatos sociais. O chapéu que ele não tira da cabeça durante a sua aparição também é um elemento presente, pois, segundo os relatos dos ribeirinhos, o BOTO usa o chapéu para esconder o furo que possui no alto da cabeça, o que denunciaria o seu lado animal. A paixão que o BOTO causa na mulher escolhida para ser cortejada por ele é outro traço muito marcado nas narrativas: após dançar e ser cortejada pelo homem desconhecido que chega sorrateiramente nas festas, a mulher, geralmente jovem e virgem, passa a nutrir uma intensa paixão pela figura do BOTO, tornando-se, muitas vezes, fraca e doente, características que, segundo os contadores, são típicas de “obras de encantamento”. A metamorfose é um elemento em comum tanto nas narrativas de BOTO quanto nas de COBRA, como veremos adiante.

No caso das narrativas de BOTO, a metamorfose se dá a partir do momento em que o BOTO, ainda em seu aspecto animal, decide deixar as águas dos rios para cortejar as moças das comunidades ribeirinhas. Observamos que, de maneira simultânea, o BOTO das narrativas amazônicas é, ao mesmo tempo, “parte e todo” que constitui o frame em questão. Em outras palavras, ele é uma das partes essenciais para a conceptualização desse frame, no momento em que é um animal característico daquela região, do mesmo modo que é o resultado do acionamento dos elementos já citados e que formam toda uma estrutura cognitiva complexa que, de acordo com nossa hipótese, constitui o frame BOTO.

Assim como o BOTO, a COBRA é outro elemento que, nos relatos coletados, apresenta aspectos que vão além de sua condição de animal. Em algumas narrativas ela é descrita como um animal feroz, que assusta pescadores e ribeirinhos. Em outras, aparece com um ser encantado que habita as águas barrentas e turvas dos rios amazônicos. De acordo com Paes Loureiro(1995):

Há, entretanto, inúmeras concretizações narrativas da Boiúna, seja como mãe-d'água, seja como recriação das mouras portuguesas, seja como a encarnação de um rapaz de nome Norato etc. É um ciclo de interesse inesgotável e vasto de transfigurações. (PAES LOUREIRO, 1995, p. 222)

Buscamos mostrar que há uma série de processos cognitivos que são realizados para se construir o significado que a COBRA assume nessas narrativas e que tais processos

cognitivos têm um esquema em comum, que julgamos tratar-se do frame COBRA. Trabalhamos neste momento com a hipótese de que tal esquema é constituído pelos seguintes elementos:

- OS RIOS
- CRIANÇAS GÊMEAS
- BEM E MAL
- ENCANTAMENTO
- METAMORFOSE

(- É verdade que em Alenquer existe mesmo cobra grande?)

- É. Existe sim. E que ela sempre teve duas, agora. Teve duas irmãs.

A mãe, um dia, foi a hora de meio-dia, na beira do rio. Então, sentiu uma dor no ventre. Aí, aí com aquela dor no ventre foi, foi e foi... Aquela arrumação toda, foi num curandeiro. Disseram que era mãe-d'água que tinha flechado ela. Então, ele disse que era só esperar ter o bebê e que iam nascer dois. E, sim, quando ela teve os filhos...

Aí, de dia eram criancinhas e de noite viravam cobras.

[...] Aí, então, aquelas cobrinhas foram. O Noratinho era bom. A Joaquinha era má. Só queria fazer o mal. (SIMÕES & GOLDBERGER, 1995, p. 100)

Assim como propusemos um esquema que tem por objetivo ilustrar as relações entre os participantes que compõem o frame BOTO, lançamos a proposta de criar uma estrutura que representasse as relações entre os participantes do frame COBRA. Tal representação pode ser observada a seguir:

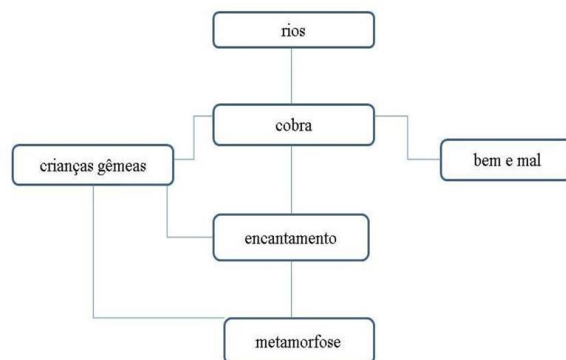


Figura 02: Relações entre os elementos do *frame* COBRA

No caso do frame COBRA, a figura 2 busca ilustrar a relação dos participantes que

podem ser relacionados a esse frame: há sempre a mulher, que engravida geralmente por obra de forças místicas que envolvem o rio e horas cabalísticas, por exemplo. Quando é chegado o momento do nascimento, ela dá à luz a duas crianças gêmeas, um menino e uma menina, que trazem consigo o encantamento, pois não se tratam de duas crianças “comuns”, mas de duas cobras que se metamorfoseiam em algumas situações. Na maioria das histórias, as crianças são colocadas no rio e, assim, adquirem a forma animal, pois continuam encantadas. A menina, agora metamorfoseada em cobra, geralmente representa o mal, ao contrário do irmão, que, segundo as narrativas, tem bom coração e busca constantemente meios de se “desencantar” e assim voltar à forma humana. No entanto, ele não consegue esse feito em razão da falta de coragem daqueles que se propõem a ajudá-lo.

Algumas considerações

Com base nessa análise, podemos observar que é pertinente nossa proposta de mostrar que há um esquema em comum tanto nas narrativas com a presença do BOTO quanto nas narrativas com a COBRA. Com relação a esse esquema em comum, acreditamos que ele esteja convencionalizado cognitivamente e culturalmente entre os falantes das comunidades de onde foram extraídas as narrativas, mesmo havendo variações entre elas, característica que pode ser explicada não apenas pelo fato de serem narrativas orais, mas também por envolverem graus diferenciados de subjetividade. Nossa hipótese é de que COBRA e BOTO são frames cognitivos altamente específicos. No caso dos frames BOTO e COBRA, o conhecimento compartilhado e as experiências culturais contribuem para a construção de seus significados e, como já foi dito, há um grau de variabilidade entre as narrativas que contém os dois elementos analisados, mas há também um esquema em comum que, de acordo com a nossa proposta, está convencionalizado nesse meio cultural.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, H.M.T. de. *Estrutura Narrativa e Espaços Mentais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; SANTOS, Leonor Werneck dos. Referenciação e marcas de conhecimento compartilhado. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 12, n. 3, p. 657-681, set/dez. 2012

DA SILVA, Augusto Soares. (Inter)subjetificação na linguagem e na mente. *Revista*

Portuguesa de Humanidades/Estudos Linguísticos. N. 15-1. 2011. P. 93-110.

DA SILVA, Augusto Soares. Discurso na mente e na comunidade. Para a sinergia entre Linguística Cognitiva e Análise (Crítica) do Discurso. *Revista Portuguesa de Humanidades – Estudos Linguísticos*, P. 53-78, 2015.

DUQUE, P.H. Discurso e Cognição: Uma abordagem baseada em frames. *Revista da ANPOLL*, nº 39. Florianópolis, Jul./Ago. 2015.

FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

FERRARI, Lilian; FONTES, Viviane Moura. Dêixis e mesclagem: a expressão pronominalizada “a gente” como categorial radial. *Revista Linguística/Revista do Programa de Pós-Graduação da UFRJ*. Vol. 6, nº 02. Dezembro de 2010.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The way we think: Conceptual Blending and the mind's hidden complexities*. Basic Books, New York, NY, 2002.

FILLMORE, C. J. *Frame Semantics*. In: *Linguistics in the Morning Calm*, ed. by Linguistic Society of Korea, Soeul: Hanshin, 1982, p. 111-137

FILLMORE, Charles. Semântica de Frames. *Cadernos de Tradução*, nº 25. Porto Alegre, jul-dez, 2009, p. 25-54.

GEERAERTS, D; CUYCKENS, H. Introducing cognitive linguistics. In: GEERAERTS, H. CUYCKENS (Orgs.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Editora Cortez, 8ª ed, 2015.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. Os mitos do objetivismo e do subjetivismo. In: *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

LAKOFF, G; NARAYANAN, S. *Toward a computacional modelo of narrative*. *Peprint from the Proceedings of the AAAI Faal Symposium*, november, 2010, p. 21-27

LANGACKER, Ronald W. *Cognitive Grammar: A Base Introduction*. Oxford University Press, 2008.

MARCUSCHI, Luiz A; KOCH, I. G. V. (1998). Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, M. B. (org.). *Gramática do português falado*, v. VIII. Campinas, Ed. da UNICAMP/FAPESP, no prelo.

MARCUSCHI, Luiz A. Do código para a cognição: O processo referencial como atividade criativa. In: *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro, Lucerna, 2007, p. 61-81

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Anáfora Indireta: O barco textual e suas âncoras. *Revista Letras*, Curitiba, n. 56, p. 217-258, Jul./Dez, 2001.

MENEZES, Vanda Cardozo de. Construções “TER SN PARA INFINITIVO” sob a ótica da Gramática Cognitiva. *Revista Língua Portuguesa de Humanidades – Estudos Linguísticos*, 2017.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos do discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: *Referenciação*. São Paulo: Editora Contexto, 2005 (vol 1: Clássicos da Linguística)

PAES LOUREIRO, João de Jesus. Cultura amazônica: uma poética do imaginário. Belém: Cejup, 1995.

SIMÕES, Maria do Perpétuo Socorro.; GOLDBERGER, Christophe. Abaetetuba conta... Belém: Cejup, 1995.

_____. Belém Conta...Belém: Cejup, 1995.

_____. Santarém conta...Belém: Cejup, 1995.

TANNEN, Deborah. *Framing in Discourse*. New York: Oxford University Press, 1993, p. 3-31.

CRÉDITOS DE IMAGENS

Figura 01: produzida pela autora

Figura 02: produzida pela autora